



Temas Livres

COMO A METAFIÇÃO ESTÁ PRESENTE EM REI REVÉS DE EVANDRO AFFONSO FERREIRA

HOW METAFICTION IS PRESENT IN REI REVÉS BY EVANDRO AFFONSO FERREIRA

Carmelina Cardozo de Souza Correa Pereira¹

ROR Universidade Federal de Pelotas

carmelinacorrea@gmail.com



RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a forma como a metaficação ocorre em *Rei Revés*, escrita por Evandro Affonso Ferreira, focando no narrador da história. Para essa finalidade, foram usadas noções acerca não apenas da própria metaficação, mas também a respeito do pós-modernismo e da intertextualidade, que têm relação com a proposta deste trabalho. Dessa forma, percebeu-se que a inserção do narrador na trama e a maneira como ele menciona explicitamente o processo de escrita, além de características inerentes à narrativa, conferiram o caráter metaficcional à obra.

PALAVRAS-CHAVE: Metaficação; Narrador; *Rei Revés*; Pós-modernismo.

ABSTRACT: This paper aims to analyze how metafiction occurs in *Rei Revés*, written by Evandro Affonso Ferreira, focusing on the narrator of the story. For this purpose, notions about metafiction itself were used, as well as ideas regarding postmodernism and intertextuality, which are related to the proposal of this work. Thus, it was observed that the insertion of the narrator in the plot and the way he explicitly mentions the writing process, in addition to inherent characteristics of the narrative, have conferred the metafictional character to the work.

KEYWORDS: Metafiction; Narrator; *Rei Revés*; Postmodernism.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 27 (Jul-Dez/2025)

Informações sobre os autores:

¹ Mestra em Letras na área de Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas. Possui graduação em Letras - Português/inglês pela mesma universidade.



10.29281/rd.v13i27.17225

Fluxo de trabalho

Recebido: 29/11/2024

ACEITO: 16/06/2025

Publicado: 12/12/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

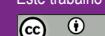
Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio





INTRODUÇÃO

Apesar de não ser um fenômeno exclusivo da pós-modernidade (Hutcheon, 1980, p. 2), a metaficção é um conceito que se insere nesse período, especialmente quando é cercado de outras ideias que também fazem parte da era pós-moderna. Assim, segundo Avelar (2010), a metaficção é uma narrativa fundada na metalinguagem (s.p.), cujo objetivo é “a subversão dos elementos narrativos canônicos — intriga, personagens, ação —, tendo como estratégia final a elaboração de um jogo intelectual com a linguagem e com a memória literária e artística” (Avelar, 2010, s.p.).

Dessa forma, por apresentar elementos metaficcional, o romance a ser trabalhado neste artigo é *Rei Revés*, de Evandro Affonso Ferreira, publicado em 2021, que revela a história de um rei que foi preso e lamenta a perda de seu neto. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é analisar a forma como a metaficção se faz presente na história, focando em específico na presença do narrador.

Para isso, serão utilizadas noções referentes ao processo metaficcional, bem como concepções relacionadas ao pós-modernismo, abordadas na próxima seção. Logo, será feita a análise da obra previamente mencionada, considerando o que foi discutido anteriormente.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em *A Poética do Pós-Modernismo* (1988), Linda Hutcheon (1991) fala que a arte pós-moderna é “intensamente auto-reflexiva e paródica” (p. 12), além de ser contraditória, histórica e política (p. 20), e de contestar os pressupostos da cultura dominante (p. 23). Ainda, ela menciona a ligação do pós-modernismo com o passado, mostrando que ele não é apagado, mas sim “incorporado e modificado, recebendo uma vida e um sentido novos e diferentes” (Hutcheon, 1991, p. 45).

Assim, Hutcheon (1991) considera o pós-moderno como metaficcional e intertextual (p. 155). Dessa forma, apesar de não abordar aspectos pós-modernos em *Narcissistic Narrative: The Metaficcional Paradox*, livro publicado em 1980, Hutcheon ainda assim discorre sobre a metaficção (Hutcheon, 1980, p. 2). Para ela, a metaficção é “é ficção sobre ficção — isto é, ficção que inclui em si um comentário sobre sua própria narrativa e/ou identidade linguística” (Hutcheon, 1980, p. 1, tradução minha).¹

Desse modo, a autora prossegue dizendo que

a presença de dispositivos literários de metaficção traz à atenção do leitor aqueles elementos formais dos quais, através de uma familiarização

¹ “‘Metafiction,’ as it has now been named, is fiction about fiction—that is, fiction that includes within itself a commentary on its own narrative and/or linguistic identity.”

excessiva, ele se tornou inconsciente. Através de seu reconhecimento do material de apoio, novas demandas de atenção e envolvimento ativo são trazidas à atenção do leitor no ato da leitura. (Hutcheon, 1980, p. 24, tradução minha)²

Nesse sentido, pode haver uma mudança de foco da “ficção” para a ‘narração’, quer transformando a ‘narração’ na própria substância do conteúdo do romance, quer enfraquecendo a coerência tradicional da própria “ficção” (Hutcheon, 1980, p. 28, tradução minha)³, o que faz com que o leitor seja convidado “na criação de mundos e de sentido, através da linguagem” (Hutcheon, 1980, p. 30, tradução minha).⁴ Dessa forma, o leitor é colocado numa posição onde tem que não apenas reconhecer a ficcionalidade desse mundo, mas também interagir de forma intelectual, criativa e afetiva para dar sentido ao que está experienciando (Hutcheon, 1980, p. 30).

Para Waugh (2001), a metaficção se inspira em uma metáfora que vê o mundo como um livro (p. 3), portanto,

se, como indivíduos, agora ocupamos ‘papéis’ em vez de ‘eus’, então o estudo de personagens em romances pode fornecer um modelo útil para entender a construção da subjetividade no mundo fora dos romances. Se nosso conhecimento deste mundo é agora visto como mediado através da linguagem, então a ficção literária (mundos construídos inteiramente de linguagem) torna-se um modelo útil para aprender sobre a construção da própria ‘realidade’. (Waugh, 2001, p. 3, tradução minha)⁵

Ainda, ela afirma que é possível encontrar a descrição do processo de construção ficcional, uma vez que as convenções particulares do romance podem ser de interesse na metaficção (Waugh, 2001, p. 4).

É importante ressaltar que romances metaficcionalis

tentam criar estruturas linguísticas alternativas ou ficções que apenas implicam formas antigas, encorajando o leitor a se apoiar no seu conhecimento de convenções literárias tradicionais ao se esforçar para construir um significado do novo texto. (Waugh, 2001, p. 5, tradução minha)⁶

² “The laying bare of literary devices in metafiction brings to the reader’s attention those formal elements of which, through over-familiarization, he has become unaware. Through his recognition of the backgrounded material, new demands for attention and active involvement are brought to bear on the act of reading.”

³ “‘fiction’ to the ‘narration’ by either making the “narration” into the very substance of the novel’s content, or by undermining the traditional coherence of the ‘fiction’ itself.

⁴ “in the creation of worlds and of meaning, through language.”

⁵ “If, as individuals, we now occupy ‘roles’ rather than ‘selves’, then the study of characters in novels may provide a useful model for understanding the construction of subjectivity in the world outside novels. If our knowledge of this world is now seen to be mediated through language, then literary fiction (worlds constructed entirely of language) becomes a useful model for learning about the construction of ‘reality’ itself.”

⁶ “attempt to create alternative linguistic structures or fictions which merely imply the old forms by encouraging the reader to draw on his or her knowledge of traditional literary conventions when struggling to construct a meaning for the new text.”



Isso vai ao encontro da noção de a intertextualidade, que, de acordo com Tiphaine Samoyault (2008), não pode ser mais considerada apenas como uma retomada (p. 11), mas sim como uma

descrição dos movimentos e passagens da escritura na sua relação consigo mesma e com o outro. [...] Os efeitos de convergência entre uma obra e o conjunto da cultura que a nutre penetra-a em profundidade, aparecem então em todas as suas dimensões: a heterogeneidade do intertexto funda-se na originalidade do texto. E pensar diferentemente a história dessa memória da literatura é servir-se da tensão entre a retomada e a novidade, entre o retorno e a origem, para propor uma poética de textos em movimento. (Samoyault, 2008, p. 11)

Dessa forma, pensando nessas características do romance pós-moderno, nota-se que tanto a metaficação quanto a intertextualidade são cruciais para o entendimento de uma obra que se insere nessa categoria.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Rei Revés tem seu início com a informação de que um deus profetizou a vida de um menino:

Deus trágico irreconhecível saiu sorrateiro das páginas mitológicas gregas e voltou e retrocedeu alguns mil anos e pousou numa rua da cidadela dos Anuns; pousou de súbito à beira do berço do menino sussurrando elíptico, ao mesmo tempo aliterante: Trajetória Trágica. [...] Esse deus trágico irreconhecível aconchegou o menino e subiu no morro mais alto da cidadela e, com olhar nostradâmico, viu lonjuras e conglomerados e multidões e aplausos e uivos e conclamações e reivindicações e atas e passeatas e autodidatas e magnatas e democratas e sociopatas e cisões e faisões e divisões e repressões e traições e brasões e diversões e omissões e convulsões e desilusões e corrupções e prisões e cortes e recortes e esportes e aportes e mortes — muitas. Menino predestinado aos tempos-temporais ásperos e doces. Entanto, designado à finitude funesta, à desmesurada solidão. (Ferreira, 2021, p. 9-10)

Nesse trecho é possível perceber que o ser sobre o qual o deus trágico irreconhecível se ocupa estava destinado a grandes feitos, mas também a momentos difíceis, especialmente quando prisões e mortes são mencionadas, o que antecipa algo que logo se descobre a respeito dele:

Ah, Menino-Quase-Algum, hoje Homem-Quase-Nenhum! Que deus trágico irreconhecível foi esse que envolveu esse (ainda criança) nos

eflúvios das adversidades subsequentes? Ah, já naqueles pretéritos infantes seria possível vislumbrar seu próprio epitáfio: REI REVÉS. Agora? Entre quatro paredes estudando a tessitura do Vazio. (Ferreira, 2021, p. 10)

Esse menino, então, cresce e se torna Rei Revés, que está preso e, talvez, perto da morte, levando em consideração a referência ao seu epitáfio e o fato da personagem estar “quase-viva, quase-morta” (Ferreira, 2021, p. 15).

Nesse sentido, tudo o que se sabe sobre a personagem é fruto do que o narrador divulga. Esse narrador, como é possível perceber, parece incerto do que fala, visto que pede ajuda a grandes nomes das tragédias gregas: “Ah, Sófocles! Ah, Eurípides! Ajudem narrador desta miniepopeia a psicografar o Incognoscível; a lançar mão do Enigmático; a manusear Transcendência; entender a mímica do Desarrazoadão” (Ferreira, 2021, p. 11). Além disso, é nesse momento que nota-se a primeira alusão metaficcional da obra, quando o próprio narrador faz menção a si mesmo e ao fato de que o que está escrevendo é uma miniepopeia, criando a mudança de foco que Hutcheon (1980, p. 28) menciona.

Ao falar sobre o narrador pós-moderno, Santiago (2002) afirma que ele “é aquele que quer extrair a si da ação narrada em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador [...] ele não narra enquanto atuante” (p. 45). No entanto, em *Rei Revés*, o narrador deixa de ser um mero observador e, apesar de continuar o seu relato, ele se impõe em diversos momentos, como quando fala que tem dúvidas sobre o que está contando: “narrador desta miniepopeia não sabe como desfazer o entrancado delas suas próprias dúvidas; como desfazer essa neblina embaçando possíveis-supostas respostas” (Ferreira, 2021, p. 12-13), o que sugere que nem ele sabe o que está se desenrolando de fato na história.

Assim, nota-se que, num primeiro momento, o narrador, devido ao caráter metaficcional empregado na obra, se faz presente não enquanto personagem, pois não participa dos acontecimentos da história em si, mas sim como a pessoa responsável por expor as ocorrências presentes no texto, o que se dá sempre que ele faz menção a si próprio e ao fato de que está relatando os eventos relacionados ao rei.

Entretanto, ao fazer uso da intertextualidade e mencionar Dante, o narrador, fazendo uma suposição, coloca-se como personagem:

Autor desta miniepopeia, sempre querendo-procurando escarafunchar o Incompreensível, perguntaria ao deus trágico irreconhecível: por que jogar nossa personagem numa das dez trincheiras circulares concêntricas? — Malebolge. Dante possivelmente o colocaria numa barca do rio Tibre a caminho do Ante-Purgatório, como faria talvez com o próprio narrador desta miniepopeia e todos os seus poucos-possíveis-prováveis leitores. (Ferreira, 2021, p. 18)



Não apenas ele acredita que Dante o puniria, como também faria o mesmo com os leitores da obra, mais uma vez chamando atenção para o fato de que o que está sendo lido faz parte de uma narrativa, o que acontece também quando ele menciona o autor, no início do trecho.

Em vista disso, existe a possibilidade de que, na obra, o autor e o narrador sejam a mesma pessoa, levando em consideração que a menção a ambos durante a narrativa ocorre de forma muito similar, como dá para perceber quando o narrador se autorreferencia: “*narrador desta miniepopeia* desconfia de que vida dela nossa personagem é parábola ininteligível — recheada de não-veréis, não-entendereis” (Ferreira, 2021, p. 14, grifos meus) e quando refere-se ao autor: “*autor desta miniepopeia* não sabe ainda atrelar os nexos aos paradoxos, debulhar as cascas do Incógnito — entanto, suas palavras e frases e parágrafos procuram transitar altivas pelas vielas intrincadas das Razoabilidades” (Ferreira, 2021, p. 21, grifos meus). Portanto, sempre que um ou outro forem citados, serão considerados como o mesmo indivíduo.

Outro momento no qual o narrador/autor se equipara a uma personagem na obra é quando ele revela que o mesmo deus trágico irreconhecível que não sussurrou nos ouvidos do menino-tabaréu também não efetuou o mesmo ato com ele:

Ah, menino-tabaréu: deus trágico irreconhecível também poderia ter sussurrado neles infantes ouvidos do autor-quase-epopeico dizendo que um dia, num depois do depois de muitos depois, viveria aparando perplexidades enclausurado nos vocábulos; não disse que ele já havia nascido talhado para o lusco-fusco; que vida inteira seria, ao contrário dele, Rei Revés, homem de poucos intentos; que existência toda seria conjectura dele mesmo. (Ferreira, 2021, p. 88-89)

Essa perspectiva ganha força quando ele prossegue, colocando-se junto ao rei ao falar que o deus trágico irreconhecível “deveria ter dito para *autor e personagem* que olhar para sombras de seus mortos, próprios-precoce mortos nas paredes seria tão perigoso como contemplar o sol a olho nu — espectros também cegam” (Ferreira, 2021, p. 89, grifos meus), o que mostra que, assim como o rei, o narrador/autor também perdeu alguém e, a julgar pelo que diz em seguida, também foi uma criança:

Ah, menino-tabaréu: na forquilha do estilingue do narrador desta miniepopeia também havia cicatrizes de vários *assassinatos infantis* — similaridades nas malvadezas passeriformes. Deus trágico irreconhecível possivelmente não teve tempo para sussurrar nos infantes ouvidos de ambos dizendo que desde a fase inaugural já somos alimentados pelos ingredientes afrodisíacos da Soberania; somos guiados pelos ventos propícios às Dominâncias; seguimos as trilhas pavimentadas com a mistura escura e viscosa da Tirania; já nos extasiamos, no nascedouro, com a luxúria do Predomínio. Ah, Rei Revés! Autor-quase-epopeico, e

você, ambos, possivelmente saberíamos que *adiantaria nada se borifar de alfazema*: já estaríamos impregnados deste cheiro desconcertante cujo nome é Arrependimento? (Ferreira, 2021, p. 92-93, grifos meus)

Assim, nota-se que o rei e o narrador/autor possuem uma certa ligação, levando em conta que compartilham da dor de perder um neto, no caso do rei e, no caso do narrador, uma criança cujo vínculo não é especificado.

Um ponto que se sobressai na história é o fato do narrador/autor explanar abertamente que não tem segurança do que está falando, como pode-se ver quando ele revela que a narrativa é insegura: “Eurípides e Sófocles e poucos-possíveis-prováveis leitores, todos, precisam saber que esta narrativa não nasceu para carregar consigo o estatuto de evidências imediatas: vive tempo quase todo insegura de si própria” (Ferreira, 2021, p. 21).

Além disso, é possível identificar que ele também não tem muita noção do que está de fato acontecendo com o rei, quando diz que “autor desta miniepopeia gostaria de ajudar abafando com suas próprias palavras esse ruído fúnebre que possivelmente atormenta nossa personagem — possivelmente agora cabisbaixa entre quatro paredes” (Ferreira, 2021, p. 28-29). Ao fazer uso do advérbio possivelmente, o narrador/autor divulga as falhas que estão presentes no seu relato, especialmente porque é de se esperar que ele possua esse conhecimento, já que é o que típico do seu papel enquanto narrador/autor.

Ele também ressalta que

Palavras desta miniepopeia possivelmente se movimentarão tempo quase todo, nestas imprecisas páginas, num campo no qual a dúvida será uma constante. Entanto, em alguns momentos se deixarão dominar pelos sentimentos; outros, pelo ceticismo — autor desconfia que suas próprias palavras ficam tempo quase todo em estado de irresolução para possivelmente substanciar o desenvolvimento da ação dramática. Sim, poeta, somos joguetes das circunstâncias. (Ferreira, 2021, p. 42-43)

Ao afirmar que a imprecisão será frequente em sua narrativa, ele sedimenta a noção de que, talvez, nunca se saiba ao certo o que irá acontecer com o rei. Ainda, ao comunicar que as palavras podem ter interferência de sentimentos e ceticismo, ele revela que suas informações não são assertivas, o que, como ele informa a seguir, pode ser proposital para deixar a obra mais dramática — o que acaba fortalecendo o procedimento metaficcional, já que ele explicita essa ação como uma de suas técnicas.

A escassez de perspectiva em relação ao rei acontece novamente quando ele, em diversos momentos, faz referências a Tirésias, o famoso profeta cego de Tebas: “Ah, Tirésias! Autor-quase-epopeico carece deles seus sussurros premonitórios” (Ferreira, 2021,



p. 61). Isso sugere que, se o narrador/autor tivesse acesso aos “sussurros premonitórios” de Tirésias, ele saberia o que de fato está acontecendo com o rei. Em seguida, ele apela novamente ao profeta:

Ah, Tirésias! Seu silêncio definitivo é desesperador; será que mesmo vivendo no oitavo círculo você ainda carrega consigo a ilusão de conceber o inconcebível? Ainda conhece a cronologia dos acontecimentos futuros? Ah, Prometeu! Ainda que astuto, se vê preso a uma corrente. Ah, Rei Revés! Rei Revés! Talvez dois seres num só; possivelmente discordantes entre si — gêmeos e contrários. Ah, Tirésias! Você que conhece os escaninhos das trevas exteriores, saberia dizer se há solução para essa difícil discordia íntima entre o eu-íntegro e o eu-negligente dela nossa quem sabe duplice angustiante personagem? Autor-quase-epopeico ainda não conseguiu decifrar-escarafunchar entrar nos escaninhos do adjetivo IRREFUTÁVEL. Ou será que a verdade vai, entre uma página e outra, se recrutar a si própria? Narrador sabe apenas que excesso de interrogações não purificam a linguagem. (Ferreira, 2021, p. 62-63)

Mesmo mencionando a dualidade do rei, o narrador/autor não tem certeza das suposições que faz, por isso seu recurso é indagar Tirésias, que também não está sendo de grande ajuda, pois, como é possível notar no início do trecho, permanece em silêncio. Ainda, vê-se que o narrador/autor admite que não tem as respostas e que seu conhecimento é limitado.

Em algumas instâncias, entretanto, ele afirma ao rei que “sabe que agora, entre quatro paredes, você carece do tato, do acalanto daquele menino-anjo de cabelos encaracolados que voltará nunca-jamais” (Ferreira, 2021, p. 46), mas logo volta a fazer deduções: “será que ele Rei Revés apascenta o desespero chamando à memória tempos-pretéritos-promissores?” (Ferreira, 2021, p. 47). Essa ambiguidade no entendimento do narrador/autor indica que ele tem algum conhecimento acerca da sua personagem, visto que traz algumas informações recorrentes, como o fato do rei estar preso e sentir falta do menino-anjo, mas sua visão parece se voltar para hipóteses quando lhe é exigido um dado mais preciso, como o que pode acontecer ao rei:

Ah, Homero! Seria possível retirar nossa personagem destas insignificantes páginas e removê-la para a Ilha dos Lotófagos? Seria possível deduzir, lançando mão de imparcialidade absoluta, que ele Rei Revés, ao contrário de Ulisses, comeria as tais flores do esquecimento e nunca mais voltaria? (Ferreira, 2021, p. 47-48)

Também percebe-se essa ambivalência quando ele diz que “poucos-prováveis leitores deveriam entender a incompletude epopeica desta narrativa, cujas palavras

caminham tateando entre os sombrios e metafísicos corredores das Ambiguidades” (Ferreira, 2021, p. 51), evidenciando a sua posição hesitante no que tange a forma como ele transmite os seus informes.

Ademais, tem-se um vislumbre a respeito dos sentimentos do narrador/autor quando ele diz

Ah, Rei Revés! Autor-miniepopeico é também sua própria turbidez; muitas vezes se sente deslocado nela sua própria narrativa; se constrange em tropeçar tempo quase todo em hieróglifos; em se esconder nas entrelinhas apagando os próprios rastros; entanto, caminha resignante para possivelmente esbarrar a qualquer momento numa página indeterminada a silhueta o perfil o contorno da Verdade — mesmo sabendo da quase-impossibilidade de existir realidade plena nesta narrativa de aparência biográfica. (Ferreira, 2021, p. 53)

O fato do narrador/autor se sentir deslocado na narrativa e de se esconder, apagando seus rastros, pode estar ligado ao fato do afluente número de intertextualidades presentes na história, visto que ele está sempre fazendo alusão a outras pessoas, para que lhe digam como a sua própria miniepopeia deve se desenrolar.

Dessa forma, a respeito dos seus escritos, ele revela que

Palavras, palavras, palavras... autor-quase-epopeico tempo quase todo se equilibrando nas metáforas mal-ajambradas; tentando-querendo nos parágrafos quase todos inventar delírios exuberantes para ela nossa entocada personagem; tentando-querendo nas páginas quase todas convencer poucos-prováveis-possíveis leitores que plangências dele Rei Revés contêm todos os tons da escala cromática da Solidão. Palavras, palavras, palavras... Ah, metáforas mal-ajambradas: quantas covas nossa personagem já cavou? Quantos segredos já enterrou? Rei Revés poderá estar carregando agora entre quatro paredes, à semelhança deste narrador, os próprios despojos neste bornal, cujo nome é Palavra? (Ferreira, 2021, p. 69)

Apesar de considerar sua perspectiva como inferior, levando em conta a forma como se refere às suas metáforas, ele mostra uma certa persistência em continuar a história do rei, especialmente porque, logo em seguida, fala que “não pode cortar a continuação desta narrativa já nas primeiras quase-quarenta indecisas páginas” (Ferreira, 2021, p. 71). Nesse sentido, ele pede a Sófocles e a Eurípedes que “não deixem narrador desta miniepopeia desplantar as próprias palavras, abrir as comportas da Desistência, deixar de lado, renegar esta narrativa” (Ferreira, 2021, p. 80), revelando, então, que não desiste

porque apenas elas, palavras, conseguem alumiar vez em quando seu habitual esmaecimento interior; apenas eles, vocábulos, conseguem



fazer autor-quase-epopeico desviar o olhar para sua irreversível desesperança; sim: se refugia no interior das frases para não olhar de frente sua existência inócuia que fica ali do outro lado destas páginas. Narrador, poucos-possíveis-prováveis leitores, todos, deveríamos acreditar que depois de tudo isso encontrariámos no outro lado esplendores indizíveis? (Ferreira, 2021, p. 81)

Esse trecho demonstra que o narrador/autor está vivendo nas páginas de sua história ao invés de para a realidade, o que fica nítido quando ele, faz um apelo a Sófocles e Eurípedes:

Não deixem narrador desta miniepopeia sucumbir ao peso da Indecisão e sua fiel criadagem; autor não pode continuar vivendo páginas quase todas de contingências e suposições e acasos: aqui fora já vive tempo todo subjugado aos caprichos das conjunturas, vítima deles acontecimentos casuais — própria vida ficou fictícia. (Ferreira, 2021, p. 111)

Dessa forma, percebe-se a comparação que ele faz, dizendo que sua vida ficou fictícia, sinalizando ainda mais o processo metaficcional, uma vez que ressalta que não pode seguir dentro da sua obra, o que sugere que, assim como o rei, ele está preso, mas em sua própria ficção.

Em vista disso, o narrador/autor novamente faz um paralelo entre ele e o rei:

ao contrário dele possivelmente altivo Rei Revés, narrador nunca teve competência para este intrincado empreendimento cujo nome é Vida; talvez ao contrário dela personagem, autor sabe que as próprias lamentações são inóspitas: vive rodeado de estorvos para reacender próprias perspectivas promissoras — possivelmente o oposto dela nossa personagem que poderá contar a qualquer momento com as muitas-múltiplas asas dos Anuns e dos agora múltiplos meninos-anjos de cabelos encaracolados — no interior do céu os seres multiplicam-se. (Ferreira, 2021, p. 104-105)

Apesar do rei estar preso, o narrador/autor ainda acredita que há chances para ele, como indica ao mencionar os Anuns e os meninos-anjos, que podem ajudá-lo a sair do local onde foi aprisionado, diferentemente dele, pois considera seu caso como o oposto do Rei Revés. Por conta disso, ele pede que “não deixem que personagem viva agora à semelhança de autor na vida real: em poder dos estigmas e suas incansáveis estranhezas” (Ferreira, 2021, p. 111), além de solicitar que

aconselhem Rei Revés a lançar mão da memorialística: dias ficariam menos entorpecedores, monótonos; possivelmente se afastaria entre aspas da solidão que talvez exceda ao necessário; seus vocábulos seriam guardiões do desconsolo; ajudariam Rei Revés a se aproximar dos



próprios recônditos — descoser laços intrincados da própria identidade pessoal, de seu conjunto de caracteres. (Ferreira, 2021, p. 112)

Nessa perspectiva, vê-se que o narrador/autor mais uma vez trabalha com hipóteses, pois suas indicações não são definitivas, algo que ele mesmo afirma quando diz que ele e seus leitores irão permanecer na ignorância, “talvez até as últimas páginas desta narrativa, o limite dos descompassos, a linha de demarcação da razoabilidade dela nossa personagem” (Ferreira, 2021, p. 114-115).

Assim, pensando na menção às últimas páginas da narrativa, ao chegar nesse ponto, tem-se uma quebra no parágrafo (quase) único, dando espaço para o trecho final:

Tirésias? É você? Narrador e poucos-possíveis-prováveis leitores, todos, não estamos ouvindo direito... Mais alto, por favor! Sim: daqui a pouco... pouquinho depois de autor terminar de vez esta narrativa ele Rei Revés baterá a cabeça dezenas de vezes nas paredes daquele exíguo cômodo... depois... atormentado-desesperado-enlouquecido... banhado em sangue... vai chamar em ajuda, suplicar: Anuns! Anuns! Anuns! (Ferreira, 2021, p. 127)

O narrador/autor parece estar se comunicando com Tirésias, finalmente obtendo uma resposta do profeta depois de páginas e páginas tentando entrar em contato com ele, para então descobrir que irá acontecer com o rei após o término do seu relato. É importante ressaltar que, mesmo o narrador/autor usando afirmações no futuro para compartilhar as palavras de Tirésias a respeito do destino do rei, isso só ocorrerá de fato depois que ele parar de narrar, o que ainda assim cria uma suspeita por parte do leitor, visto que não é possível vislumbrar essas ações de forma efetiva, pois faz com que seja plausível questionar o que foi dito pelo profeta e repassado pelo narrador/autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a análise e o objetivo propostos no trabalho, pode-se perceber que a metaficação em *Rei Revés* ocorre pela revelação do processo narrativo na própria obra, que é evidenciado não só pela manifestação explícita da narrativa em si, mas também por outros elementos que fazem parte desse meio, como a autorreferência que o narrador/autor realiza ao decorrer do texto, bem como a menção aos leitores do livro.

Além disso, esse recurso também é ativado quando o narrador/autor se utiliza da intertextualidade para pedir ajuda a outros autores e personagens advindos de outras obras literárias com o intuito de continuar narrando a história, mostrando a insuficiência de conhecimentos que ele efetivamente possui.



Por essa razão, o caráter metaficcional da obra atribui ao narrador/autor a posição de personagem e, a julgar pelas inúmeras menções que ele faz a si mesmo, o colocou num nível de relevância tão alto quanto o do Rei Revés, que é a personagem principal da narrativa.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Mário. **Metaficção**, E-Dicionário de Termos Literários, 2010. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metaficcao>>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- FERREIRA, Evandro Affonso. **Rei Revés**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- HUTCHEON, Linda. **Narcissistic narrative: the metafictional paradox**. Wilfrid Laurier Univ. Press, 1980.
- _____. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Imago ed., 1991.
- SAMOYAUT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- WAUGH, Patricia. **Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction**. Routledge, 2001.